

Entreajuda - Mãos à Obra Trabalho de Voluntariado

Bruno Rodrigues

Relatório de Actividades

Resumo—Este relatório visa relatar as actividades realizadas no âmbito da cadeira de Portefólio Pessoal IV, organizada pela ENTREAJUDA como apoio ao Centro Social Paroquial do Campo Grande. Esta actividade teve a duração de 5 semanas e desdobrou-se em quatro diferentes: cavar terra de três floreiras e encher sacos com esta, transportar um largo número desses sacos para uma carrinha, conduzir a carrinha até ao local de destino para a terra retirada, e ajudar em alguns preparativos para um arraial a ocorrer dia 6 de Junho. Pretendo mostrar a importância de ajudar estas instituições, bem como analisar os vários dias que levaram ao transporte de mais de 3 toneladas de terra.

Palavras Chave—voluntariado, ajuda, terra, floreiras, actividades.

1 INTRODUÇÃO

ESTE documento vem dar a conhecer como foi realizar a actividade intitulada *Mãos à Obra*, anunciada pela entidade ENTREAJUDA. A actividade foi realizada no Centro Social Paroquial do Campo Grande (CSPCG), localizada precisamente no Campo Grande, junto à Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos do Campo Grande.

A actividade *Mãos à Obra* visou ajudar o CSPCG a realizar trabalhos de manutenção/remodelação de espaços. Esse espaço consistiu num conjunto de 3 floreiras cuja terra tinha de ser retirada devido à criação de infiltrações, principalmente no Inverno, uma vez que se situam no primeiro andar.

Ao longo do documento procuro descrever o porquê de ter escolhido esta actividade e os resultados obtidos.

2 MOTIVAÇÃO

Desde à alguns anos que vinha tendo a ideia de realizar um projecto de voluntariado, de forma

- Bruno Rodrigues, nr. 66954,
E-mail: bruno.rodrigues@tecnico.ulisboa.pt,
Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

Relatório recebido a 06 de Junho, 2015.

a ajudar alguma instituição. Já por várias vezes tinha feito pequenas doações, mas nunca tinha realmente dado o meu esforço por uma causa. Este é também um aspecto que actualmente é muito considerado no CV de cada trabalhador, na altura de concorrer a um emprego.

Apesar de ter em vista outras duas actividades que considero aliciantes pelo desenvolvimento técnico que apresentavam, decidi que era a altura ideal de meter finalmente “mãos à obra” e experimentar este tipo de desafio. Optei então por colocar esta actividade no topo das minhas preferências na altura da candidatura às actividades.

o que é? Qual o contexto?

3 MÃOS À OBRA

Nos primeiros tempos após a atribuição das actividades houve algum impasse inicial.

A Coach Team entrou em contacto connosco no final de Março com o objectivo de se apresentarem e comunicarem que tinham entrado em contacto com a entidade promotora da actividade, no caso a ENTREAJUDA. No entanto, devido a algumas situações, apenas no final de Abril fomos realmente reencaminhados pela entidade para as associações às quais iríamos prestar apoio, neste caso o CSPCG.

Foi-nos pedido que indicássemos a nossa disponibilidade (entre duas datas propostas) para

(1.0) Excellent	ACTIVITY						DOCUMENT						
(0.8) Very Good	Object × 2	Opt × 1	Exec × 4	Summ × .5	Concl × .5	SCORE	Struct × .25	Ortog × .25	Exec × 4	Form × .25	Titles × .5	File × .5	SCORE
(0.6) Good	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0		1.0	0.8	1.0	1.0	1.0	1.0	
(0.4) Fair													
(0.2) Weak													

uma entrevista com a responsável da actividade, a Dra. Helena Presas.

3.1 Dia 0 - Entrevista

Passado precisamente um mês do primeiro contacto decorreu então a entrevista, já nas instalações do CSPCG.

Esta foi mais uma reunião que entrevista, uma vez que não se tratava de nenhum processo de selecção. A reunião foi em conjunto com outros alunos candidatos à mesma actividade.

Depois de todos estarmos presentes, foi-nos dado um bloco de folhas e pediram-nos que subíssemos até uma sala de reuniões que nos indicaram, que a Helena já iria ter connosco. Nesse bloco, cada um deveria retirar uma folha e colocar o seu nome, contactos e um pequeno texto explicando qual a motivação para a realização da actividade.

Quando a Helena chegou começou por nos agradecer a presença e disponibilidade, explicando em seguida um pouco do funcionamento do Centro e os apoios que lá são dados, como ajuda alimentar, jardim de infância, centro de convívio, lar de 3ª idade e apoio domiciliário.

De seguida explicou as actividades que tinha para nos dar: remodelação e pintura de bancos de jardim; retirar a terra de umas floreiras existentes no terraço do primeiro andar, devido a infiltrações no piso de baixo. Aconselhou também que nos arranjássemos em grupos, de forma a não ter de fazer o trabalho sozinhos, o que tornaria tudo muito mais difícil tanto física como mentalmente.

Juntei-me então com um rapaz chamado Francisco Banha e escolhemos ajudar a tratar das floreiras. Definimos também que a nossa maior disponibilidade seria 2ª e/ou 6ª feira da parte da tarde, a partir das 13h30.

3.2 Dia 1 - 27/04

O primeiro dia de actividade decorreu na primeira segunda-feira após a entrevista.

Ao chegarmos pedimos para falar com a Helena, de forma a pedir orientação sobre o trabalho a realizar. Juntamente com o Sr. Jaime, um dos porteiros/funcionários do Centro, subimos até ao primeiro andar onde nos foram mostradas as floreiras e onde se encontrava o

material que nos seria emprestado para trabalhar, tendo cada um de nós pegado numa pá e numa enxada. Mais tarde pedimos também dois pares de luvas, mas só nos conseguiram arranjar par e meio (2 luvas esquerdas e 1 direita).

Havia dois tamanhos diferentes de floreiras; uma era bastante grande, com cerca de 10m de comprimento por 1,5m de largura, tendo uma profundidade de uns 30cm. As outras duas tinham cerca de metade do comprimento, sendo que numa delas apenas parte tinha terra. Também nos foram dados uns sacos de plástico (pretos e grandes, estilo saco do lixo), para encher com a terra retirada. Estes sacos seriam depois previamente transportados para o local destino da terra.

Começámos então por pegar nas enxadas de forma a desbastar e soltar um bom bocado de terra de forma a ser mais fácil cavar com a pá. Tivemos sempre o cuidado de tentar separar ao máximo as pedras que encontrávamos, tendo criado um pequeno monte onde colocávamos todas as pedras. Também preparámos um outro saco especificamente para colocar pequenas plantas e raízes que íamos encontrando (e cebolas, muitas mini cebolas).

O método que achámos mais pratico foi irmos enchendo os dois para o mesmo saco, uma vez que como a sua abertura era bastante grande, se tornava complicado despejar a pá sem que o conteúdo tombasse para fora se não tivesse alguém a segurar.

Um dos conselhos que nos foram dados logo ainda antes de começar, e que pudemos também verificar por nós próprios, foi não encher demasiado os sacos pois ficariam muito pesados, e correriam um maior risco de romper. A estas razões acrescentámos ainda a dificuldade em posteriormente dar um nó para o fechar.

Depois de encher cada saco, à vez, um de nós fechava-o, pegava-lhe e transportava-o até ao pátio (a cerca de 10m) onde eram aglomerados até à altura de serem transportados.

Este método foi no entanto sofrendo várias alterações ainda no próprio dia. Primeiro, conforme fomos avançando no terreno tornou-se cada vez mais difícil e duro transportar os sacos uma vez que além da distância também

o cansaço ia aumentando.

Na segunda iteração do método começámos a juntar 3 ou 4 sacos antes de os transportar para o pátio. Depois, um de nós pegava-lhes e transportava meio caminho, enquanto o outro fazia a restante distância e colocava com cuidado no chão de forma a não rebentarem. Ficámos bastante satisfeitos com este novo método de trabalho em equipa e concordámos que deveríamos ter começado assim desde o início.

No entanto, fisicamente o corpo já pedia descanso, pelo que começou a ser bastante difícil simplesmente levantar os sacos do chão. Passámos então a fazer todo o trabalho em conjunto, pegando no saco ao mesmo tempo, transportando para o pátio e pousando. No total enchemos e levámos entre 35 e 40 sacos.

O tempo total de actividade desse primeiro dia foi 5 horas (13h30 até as 18h30), contando com pausas necessárias para beber água, refrescar e lanchar.

3.3 Dia 2 - 08/05

Estava previsto voltarmos na 2ª feira seguinte ao primeiro dia. No entanto o tempo estava chuvoso, pelo que de manhã liguei para o Centro. Pedi-lhe para falar com a Helena e disse-lhe que devido à chuva não era a melhor altura para trabalhar na terra, e perguntei se tinha alguma outra actividade que pudéssemos realizar. Ela agradeceu e disse que não, esperaria por nós noutro dia que desse para trabalhar nas floreiras.

O segundo dia foi bastante parecido com o primeiro, exceptuando a introdução inicial ao trabalho.

Continuámos a encher sacos com terra (desta vez fui já preparado com as minhas próprias luvas), sendo que houve no entanto uma grande diferença. Entre o nosso primeiro e segundo dia, os nossos colegas tinham ido também uma vez. Eles decidiram que em vez de ir soltando a terra com a enxada à medida que se ia avançando, seria melhor fazer tudo duma só vez e amontoar a terra toda num grande monte. Por um lado isso facilitou o nosso trabalho, uma vez que não era preciso parar de cavar para ir avançando aos poucos com a enxada. Mas por outro lado, nós tínhamos vindo a separar pedras e plantas, a pedido da Helena, e esse

trabalho ficou bastante mais dificultado visto que se encontrava agora tudo perfeitamente amontoado e misturado.

Este foi talvez o dia mais duro. Não só pela duração (5 horas e meia, desde as 13h30 até as 19h) mas também por o trabalho ser muito monótono e repetitivo.

A dada altura sacos acabaram, então deram-nos mais. Estes eram bastante mais pequenos, pesando cada um cerca de 10 ou 15 Kg.

Por serem mais pequenos, eram também mais fáceis de encher e transportar individualmente, pelo que optámos por essa estratégia por ser mais rápido.

Pretendíamos ter terminado o monte todo nesse dia, mas não conseguimos continuar até ao fim, tendo no entanto transportado à volta de 70 sacos!

3.4 Dia 3 - 11/05

Este terceiro dia apresentou-nos uma novidade: transportar sacos até à carrinha no rés-do-chão.

Inicialmente continuámos a cavar, acabando o resto do monte que tinha sobrado da semana anterior. Posteriormente continuámos numa das floreiras mais pequenas. Escolhemos a que tinha mais terra por se encontrar parcialmente à sombra, o que fazia uma grande diferença devido ao forte calor que fez nesse dia e nas semanas seguintes.

Passado cerca de duas horas, quando fizemos uma pausa para beber água, perguntámos ao Sr.Jaime e à Helena se era possível alternar um pouco o trabalho e transportar sacos para a carrinha, como os outros colegas tinham feito. Felizmente para nós, a Helena disse que sim. O Sr.Jaime tratou então de nos explicar como o processo era feito.

Fomos com ele ao piso -1 buscar uns carrinhos tipo supermercado, e ele mostrou-nos o caminho que teríamos de atravessar. Através de uma pequena rampa entre o pátio e o interior, passando depois ao lado da cozinha, do refeitório e do centro de dia, havia uns elevadores. Descendo até ao piso 0, a porta para o exterior encontrava-se logo em frente, onde a carrinha estaria estacionada. O Hugo, responsável pelas carrinhas, indicou-nos que começássemos a trazer sacos para baixo, que

apesar de a carrinha ainda não se encontrar lá, não iria demorar.

Fizemos este percurso para cima e para baixo até perto das 17h30, hora a que a parte de trás da carrinha ficou cheia. Nessa altura o Sr.Jaime já não se encontrava no Centro, portanto perguntámos ao Sr.Madaleno o que fazer com a carrinha. Ficámos ao mesmo tempo admirados e apreensivos quando ele disse que ele próprio levaria a carrinha até sua casa, em Alverca, e a descarregaria. Achámos que era demasiado peso para um senhor de alguma idade carregar, e portanto oferecemos a nossa ajuda, mas ele disse-nos que apenas levaria a carrinha ao fim da tarde, e descarregava na manhã seguinte antes de voltar ao Centro.

Sem muito mais que pudéssemos fazer para o ajudar, arrumámos os carrinhos de compras e fomos embora, tendo nesse dia realizado 4 horas.

3.5 Dia 4 - 18/05

No quarto dia estávamos com bastante vontade de continuar a levar sacos para a carrinha. Foi algum o desalento quando percebemos que tal não seria possível, porque a carrinha não se encontrava disponível.

Voltámos assim ao trabalho das floreiras. Tal como na maior, também nesta os nossos colegas fizeram um monte com grande parte da terra.

Neste dia chegámos um pouco mais tarde, e devido a outros trabalhos acabámos também por sair relativamente cedo, tendo feito apenas 3 horas e meia (14h - 17h30).

3.6 Dia 5 - 22/05

Neste quinto dia continuámos o trabalho no terraço, com as floreiras.

Experimentei uma pá diferente do habitual, que em vês te ter a forma arredondada e bicuda no final, era toda ela rectangular, com bordas laterais. Embora mais difícil de cavar, revelou-se muito mais fácil de despejar para os sacos, não caindo praticamente nada para fora.

Sabíamos também que dentro de poucas semanas ia decorrer um arraial organizado pelo CSPCG e pela Paróquia do Campo Grande. Este arraial seria no terraço, tornando-se necessário que nessa data não houvesse já sacos

no pátio.

Tornou-se então mais prioritário transportar os sacos de terra já apanhada do que encher novos, até porque com o calor do Verão as infiltrações não são um problema.

Tal como no 3º dia, fomos buscar os carrinhos de transporte à cave e montámos o trajecto desde o pátio até aos elevadores (abrir e bloquear as várias portas, para não se fecharem).

O Sr.Jaime tinha ido meter a carrinha à porta, e montou também uma outra rampa que nós ainda não conhecíamos. Esta rampa, feita de madeira, ligava o exterior do edifício ao interior da carrinha, possibilitando entrar com os carrinhos cheios directamente lá dentro.

Quando acabámos de encher, perguntáramos se tínhamos carta de condução. Uma vez que dissemos que sim, indicaram-nos um sítio em Campolide, o Centro de Jardinagem Bonsais de Campolide, ao qual chamavam Horto, para onde deveríamos levar a carrinha, falar com a Sra.Silvina, descarregar os sacos e voltar. Quem nos tentou explicar o caminho foi o Sr.Jaime, no entanto não percebemos muito bem as indicações. Sabíamos ir até à Praça de Espanha, mas a partir daí ficámos um bocado confusos. Pedimos então à Tita, da secretaria, que nos mostrasse no Google Maps a localização, o que facilitou bastante. Fomos lá dar sem qualquer problema.

Antes de partir tirámos à sorte quem iria a conduzir, e calhou ao Francisco.

Já no Horto, falámos com a Sra.Silvina explicando de onde vínhamos. Ela ficou um pouco surpreendida, pois achava que seria apenas um carregamento de terra, feito já anteriormente pelos nossos colegas. Depois de falar com alguém ao telemóvel, disse que sim, poderíamos descarregar. Perguntou ainda se havia mais sacos no CSPCG ao que respondemos que sim, muitos.

Descarregámos, agradecemos e voltámos ao centro.

Ao dar as horas de saída, a Tita pediu-nos que levássemos alguns dos folhetos publicitários ao arraial (em anexo no fim do documento) de forma a espalhar no IST. O Francisco levou para a Alameda, e eu para o Taguspark. Uma vez que trouxe bastantes, dei também alguns à

minha namorada para distribuir na faculdade dela.

O total de horas deste dia foi 5, entre as 13h30 e as 18h30, altura em que fomos embora.

3.7 Dia 6 - 29/05

O sexto dia foi o primeiro em que não cavámos. Com o aproximar do arraial a prioridade era mesmo libertar o espaço do terraço para os preparativos, pelo que fizemos o percurso de transportar sacos para a carrinha, descarregar no Horto e voltar duas vezes.

No entanto, no dia seguinte ia ser realizada uma campanha do Banco Alimentar, e a carrinha tinha sido limpa para o efeito. Após alguma ponderação e telefonemas para a Helena e para o Hugo, concordaram em utilizarmos a carrinha. Teríamos depois era de a limpar novamente. Tive então a ideia de pedir às senhoras da limpeza uma manta velha com a qual pudesse cobrir o chão da carrinha. Desta forma, a terra que caiu dos sacos ficou na manta, sendo muito mais fácil de sacudir e limpar.

Desta vez fui eu a conduzir a carrinha. A diferença para um automóvel ligeiro é enorme, principalmente quando se encontra carregada com bastantes quilos de terra.

Das três vezes que fomos até ao Horto, contando com o dia anterior, acabámos por levar sempre caminhos ligeiramente diferentes. Não foi de propósito, mas estes pequenos enganos possibilitaram também descobrir qual o melhor caminho, tendo em conta a hora do dia.

Quando voltámos ao Centro pela segunda vez já passava das 18h, o que não dava tempo de carregar e ir ao Horto uma terceira vez.

No entanto ficaram ainda uns 15 ou 20 sacos no pátio.

3.8 Dia 7 - 03/06

Nesta semana já não houve aulas, o que nos possibilitou ir a uma quarta-feira.

Apesar de já termos realizado as horas necessárias, tinham ficado sacos por transportar na semana anterior, e faltavam apenas 3 dias para o arraial. O Francisco ligou para lá a perguntar se os nossos colegas já tinham levado o que faltava dos sacos, e a resposta foi que

não.

Ao chegarmos lá constatámos que não havia lá nenhum saco e que nos tinha sido transmitida a informação errada.

Ficámos então a ajudar noutros preparativos para o arraial. Começámos por transportar umas mesas desde o pátio até ao piso 0.

Depois, no armazém na cave, pegamos nos carrinhos que utilizávamos para transportar os sacos e carregámos com sumos, ice teas, coca-colas e cervejas, para transportar até à cozinha no piso 1. Lá a D.Adelaide libertou um frigorífico que tratámos de encher. O frigorífico era bastante grande, pelo que deu para descer novamente à cave para ir buscar mais.

De seguida, voltámos à cave para ir buscar dois frigoríficos mais velhos que se encontravam lá e levámos para o piso 0, uma vez que o arraial também se realizaria no adro da Igreja, e não apenas no terraço.

Por fim, ajudámos a pendurar no pátio uma manta bastante grande, com uns 10m de comprimento e 2 de largura. Esta manta decorativa era composta por vários quadrados de 25cm x 25cm, todos cosidos uns aos outros, que tinham sido decorados por crianças e funcionários do Centro.

Depois disso não havia mais trabalho que pudéssemos realizar, pelo que anotámos as horas (3 nesse dia), a Tita passou-nos o comprovativo, a Helena agradeceu-nos a nossa ajuda e viemos embora, com o sentimento de dever cumprido.

4 CONCLUSÃO

Chegado o fim desta actividade, penso que os resultados alcançados são bastante positivos. Fazendo as contas pelo número de sacos, ou volume das floreiras, constata-se que foi possível libertar mais de 3 toneladas de terra e pedras, bem como deixar muito pronto para o sucesso do arraial que hoje acontece.

Foi uma experiência que considero ter sido muito importante, e que meu deu muito gosto em realizar. Infelizmente o assunto das floreiras não ficou totalmente resolvido, pelo que após esta fase de exames e relatórios vou ponderar voltar a contribuir para o Centro, pelo menos até terminar o trabalho.

AGRADECIMENTOS


Gostaria de agradecer ao Centro Social Paroquial do Campo Grande e todos os seus colaboradores o fantástico período que nos proporcionaram lá. A nossa vontade em ajudar foi sempre muito grande, e sentimos do lado do CSPCG essa mesma vontade em nos ajudar a nós. À ENTREAJUDA pela oportunidade de participar nesta actividade, à Coach Team pelos contactos com a entidade para que pudéssemos realizar a actividade, bem como as dúvidas tiradas por email.



Bruno Rodrigues Aluno de Mestrado em Engenharia Informática e de Computadores no Instituto Superior Técnico (IST).

APÊNDICE

COMPROVATIVO DE ACTIVIDADE

	CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DO CAMPO GRANDE	

DECLARAÇÃO

O Centro Social Paroquial do Campo Grande declara para os devidos efeitos que

Bruno Filipe Zorzete Rodrigues, CC 12990376, fez
voluntariado neste Centro no Projeto 'Mãos à obra', tendo realizado tarefas de requalificação de
espaços, totalizando 31 horas.

A obra realizada permitiu requalificar espaços e foi de enorme utilidade para esta instituição.

Lisboa, 3 de Junho de 2015

Pela Direcção

Maria Helena Presas



convite

6 Junho
15:30h às 23h
adro da igreja
terraço do 1º andar

arraial paróquia e campogrande

Paróquia do Campo Grande - Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos do Campo Grande | Centro Social Paroquial do Campo Grande
Campo Grande, 246, 244, 1700-094 Lisboa | Tel: 217 812 480 | www.igrejacampogrande.pt